



Agricultura familiar: dinâmicas econômicas, sociais e culturais na feira livre comunitária de Dom Pedrito, RS.

Family agriculture: economic, social and cultural dynamics in the community free fair of Dom Pedrito, RS

NASCIMENTO, Shirley G. S¹; COSTA, Rodolfo Motta², Hanke Daniel³, Àvila, Mariana Rockenbach⁴, MAIA, Joélio Farias⁵, MARTINS, Carmen Helena Quadros⁶

¹ Universidade Federal do Pampa, shirleynascimento@unipampa.edu.br; ² Universidade Federal do Pampa, mottarodolfo1@hotmail.com, ³ Universidade Federal do Pampa, danielhanke@unipampa.edu.br, ⁴ Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria - INIA, marianaravila@gmail.com, ⁵ Universidade Federal do Pampa, maia.joelio@gmail.com, ⁶ Universidade Federal do Pampa, carmemhelenaquadrosmartins@gmail.com

Eixo temático: Economia dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo avaliar a contribuição da feira livre comunitária de Dom Pedrito na condição socioeconômica de agricultores familiares. Entre os meses de abril e maio de 2017 foram entrevistados nove agricultores familiares integrados a feira. A partir desse registro e valendo-se da técnica de análise de discurso buscou-se identificar os fatores que os motivaram a fazer parte da feira, identificar os produtos comercializados por eles e a origem desses produtos e analisar de que forma a feira representa uma alternativa de acesso ao mercado e escoamento da produção dos agricultores/feirantes entrevistados. Notou-se que o acesso à feira por parte dos agricultores familiares foi motivado por uma possibilidade de incremento na renda e de fazer parte do ambiente de convivência da feira. A feira representa uma importante alternativa de acesso ao mercado e escoamento dos produtos produzidos além de contribuir para qualidade de vida das famílias.

Palavras-chave: Mercados alternativos; Produção familiar; Qualidade de vida.

Keywords: Alternative markets; Familiar production; Quality of life.

Introdução

O presente trabalho surgiu do interesse nos canais de comercialização com maior proximidade entre produtores e consumidores, motivado especialmente pela presença da feira livre comunitária no município de Dom Pedrito, RS, Brasil. Sobre as feiras livres, sabe-se que apresentam-se como um canal de comercialização para agricultura familiar¹ local do mesmo modo que permitem a população o acesso a alimentos de qualidade e identificados com uma determinada região ou cultura, contribuindo dessa forma para a segurança alimentar. Com relação à segurança alimentar entende-se que a mesma significa, “garantir, a todos, condições de acesso a alimentos básicos de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais (CÚPULA MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO, 1996).



De acordo com Maluf (1999) a agricultura familiar insere-se ou está na base dos circuitos regionais de produção, distribuição e consumo de alimentos que se organizam nos centros urbanos. Sendo assim, na medida em que é crescente a preocupação da população com questões como o processo de produção de alimentos, qualidade dos alimentos, questões ambientais e segurança alimentar as feiras livres ganham importância nesse processo e se apresentam como uma oportunidade para agricultura familiar de inserção no mercado por meio de canais curtos de comercialização.

A inserção no mercado é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico das famílias rurais, que apesar do caráter tradicional de produção para autoconsumo, dispõem nas feiras livres a possibilidade de venda dos excedentes e produção voltada ao mercado, que é de grande importância para garantia de qualidade de vida e de condições de reprodução social dos agricultores familiares (GODOY,2007).

Para dar corpo as discussões acerca da importância das feiras livres buscou-se conhecer as dinâmicas sociais que regem a feira livre comunitária situada no município de Dom Pedrito. A feira teve início em fevereiro de 2015, ocorre as sextas-feiras na principal praça da cidade, no centro da cidade próximo a Prefeitura Municipal também nas terças-feiras em frente a Universidade Federal do Pampa – *Campus Dom Pedrito*. A feira livre comunitária em Dom Pedrito se apresenta como uma nova forma dos produtores locais acessarem o mercado, atualmente conta com aproximadamente 30 agricultores com características diversas, diferentes condições econômicas e sociais e com interesses distintos ao acessar a feira livre comunitária. Diante do cenário exposto, propôs-se compreender qual a contribuição da feira livre comunitária de Dom Pedrito na condição socioeconômica dos agricultores familiares que a integram.

Metodologia

Para dar conta dos objetivos propostos neste artigo desenvolveu-se uma pesquisa embasada em metodologias qualitativas, respalda pela pesquisa de campo, pois a mesma permite uma maior interação entre o objeto e o pesquisador e ainda garante ao segundo a possibilidade de observar atentamente o primeiro (SPINK, 2003).

A coleta de dados primários deu-se através de entrevistas em profundidade e observação com visita a feira e aplicação de entrevista. Utilizou-se nas entrevistas um roteiro de questões semiestruturadas. O roteiro foi escrito previamente e contou com questões que permitiram imergir nos temas explorados a fim de dar conta dos objetivos propostos. Lançou-se mão de questões abertas e fechadas que possibilitou a coleta de dados objetivos e subjetivos expressos em suas falas, pois através desta técnica pode-se apreender informações presentes nestas.

A análise das informações coletadas deu-se por meio da audição das gravações das



entrevistas realizadas na feira, utilizando a técnica de análise textual de discurso. Os dados foram agrupados em categorias e são apresentados na sequência.

Resultados e Discussão

A feira conta com algo em torno de 30 feirantes que expõem seus produtos, entre eles podem-se identificar diversos feirantes que não são agricultores, no entanto este trabalho é voltado para as dinâmicas da agricultura familiar. Por isso foram selecionados para as discussões nove agricultores familiares/feirantes entre os mais assíduos e que se enquadravam na concepção de agricultura familiar adotada por este trabalho.

O acesso à feira por parte dos agricultores se dá por meio da Emater, os requisitos exigidos para acessar a feira variam conforme o produto que vai ser comercializado, para produtos de origem animal é exigido uma avaliação de um veterinário junto à Secretaria de Agricultura do município. Para alimentos mais elaborados como pães e doces é exigido um curso de boas práticas de fabricação e os que pretendem comercializar hortaliças basta cadastrar-se e já tem autorização para expor na feira.

A respeito da faixa etária dos entrevistados observou-se que as maiorias dos entrevistados tinham entre 31 e 45 anos, porém vale destacar que o entrevistado mais jovem tinha 17 anos e o mais velho 67 anos de idade, o que foi de grande importância para entendimento da importância da feira a partir de visões de mundo distintas.

Quanto ao gênero dos entrevistados observou-se a predominância de mulheres nas bancas das feiras e apenas uma delas trabalhava em outra atividade. O que está alinhada a ideia de que é crescente o número de mulheres à frente das atividades agrícolas.

Com relação à escolaridade dos feirantes apenas três completaram o ensino médio, entre esses um possui curso superior, outro ingressou no ensino médio e não concluiu e os cinco restantes nunca ingressaram no ensino médio. Apesar de apenas um entrevistado apresentar curso superior completo em alguns casos os filhos dos feirantes têm curso superior completo ou estão cursando, o que pode ser visto como uma evolução no acesso à educação superior nas gerações mais jovens no meio rural e é motivo de satisfação e orgulho para os pais, refletindo assim também na qualidade de vida.

Identificou-se que os entrevistados ocupam funções diferentes nas atividades e na composição familiar, no entanto todos trabalham de alguma maneira nas atividades que envolvem a feira já que foram entrevistados nessa função, dos nove entrevistados apenas uma não trabalha na produção, é parte da família e trabalha apenas na feira as sextas e como professora ao longo da semana. Os demais todos trabalham tanto na produção quanto na feira.



Quanto a frequência que vão à feira, notou-se que os nove entrevistados vão todas as sextas-feiras, no entanto nenhum deles leva seus produtos para expor nas terças-feiras na edição que ocorre em frente a Unipampa, com as justificativas de pouco movimento e em três casos a terça-feira é o dia que eles entregam alimentos as escolas pelo PNAE o que impossibilita a presença deles na feira de terça, além de um que alegou não conseguir ir a feira terça por conta da rotina de trabalho e por considerar que são as mesmas pessoas que frequentam.

Os feirantes hoje se mantem nas atividades que atuavam antes e tem ainda a feira livre comunitária as sextas-feiras como fonte de renda. A feira representou para os agricultores envolvidos uma fonte de renda a mais que em alguns casos se tornou a principal fonte de renda da família, o que será demonstrado mais adiante.

Quanto ao interesse em levar os produtos para a feira identificou-se nas entrevistas diversos relatos apontando para a feira como uma oportunidade de uma renda a mais para os agricultores. Foi muito presente nas respostas o fator econômico como fator de interesse para acessar a feira, mesmo assim todos os entrevistados em diversos momentos relatavam que a feira era um importante ambiente de convívio e amizade para eles, além de ser fonte de renda.

Relativo à aceitação do público aos produtos expostos na feira foi unanimidade, todos os entrevistados responderam que a aceitação é boa, inclusive afirmam já ter uma clientela fiel que frequenta a feira atrás dos produtos que já conhecem, alguns entrevistados dizem até saber quem vai querer o que na sexta-feira. Nenhum deles relatou problemas com produtos que levaram e não teve saída, os entrevistados se mostraram bastante satisfeitos com a saída de seus produtos.

Os feirantes entrevistados se mostraram satisfeitos com os resultados que a feira trouxe em pouco mais de dois anos e quando questionados sobre a expectativa de futuro da feira as respostas apontaram para uma boa perspectiva de continuidade apesar de relatarem que alguns feirantes saíram da feira desde o seu início. Notou-se ainda algumas considerações dos feirantes sobre o que no ponto de vista de cada um faz falta e poderia tornar a feira mais atrativa.

entrevistados mostraram-se inseridos em universo pluriativo, com a diversificação sendo umas das formas de ter maior segurança quanto a sua manutenção e como forma de alcançar melhores condições socioeconômicas. Nesse contexto, a feira representa para os agricultores familiares que a integram uma alternativa de acesso ao mercado de maneira direta, possibilitando aos feirantes o contato direto com o consumidor o que facilita a percepção dos agricultores das exigências e preferências dos consumidores e, sobretudo uma alternativa de maior rentabilidade em seus produtos por meio da venda direta. Sobre os meios de comercialização usados pelos feirantes entrevistados percebe-se que todos os entrevistados além da feira têm outras formas de renda ou acessam outros canais de comercialização como PNAE, banca de rua, vendas particulares, mercados locais e venda para restaurantes.



A feira livre comunitária de Dom Pedrito com pouco mais de dois anos de existência já representa um canal de comercialização relevante para a manutenção dos gastos das famílias que a integram, incorporando mais renda que vem a refletir na qualidade de vida, além de propiciar um ambiente importante de troca de informações e de experiência na vida dos envolvidos, tanto feirantes como frequentadores e consumidores, e também é uma atividade que é valorizada pelos feirantes por ser além de seu trabalho um ambiente agradável, um momento de lazer que já faz parte de seus costumes.

Conclusões

Podem-se perceber características diferentes entre os agricultores familiares entrevistados, mas com a predominância de casais que atuam juntos nas atividades de produção e feira, em alguns casos pode-se notar a presença dos filhos trabalhando nas atividades de agricultura e feira, além de dois casos com a presença de ajudantes em momento de maior demanda de trabalho, um por trabalhar sozinho e outro por ser um casal de aposentados. Portanto foi possível entrevistar pessoas com características distintas exercendo diferentes funções na composição familiar, desde jovem que trabalha com os pais e avós até casais com idade avançada e até aposentados que tem na feira uma atividade que lhes permitem melhor renda e qualidade de vida.

Referências bibliográficas

CÚPULA MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO. **Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial & Plano de Ação da Cúpula Mundial da Alimentação.** Declaração de 13 – 17 de novembro Roma, 1996.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, p. 364 – 368, fev. 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo Demográfico, 2010**[online]. Disponível na internet via <https://cidades.ibge.gov.br/v4/municipio/430660>. Acesso em 11/03/2019.

MALUF R. S. **Ações Públicas Locais de Apoio à Produção de Alimentos e à Segurança Alimentar.** São Paulo-SP, Polis Papers: Polis Assessoria, Formação e Estudos em Políticas Sociais n.4, 43p.,1999. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/844/844.pdf>>. Acesso em: 05/06/2019.

SPINK, P. **Pesquisa de campo em psicologia social:** uma perspectiva pós

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



construcionista. *Psicologia e Sociedade*, p. 18-42, 2003.